

As Práticas de Benzimento em Parintins: Uma Abordagem Folkcomunicação

Hudson Roberto Beltrão Júnior¹
Soriany Simas Neves²
Universidade Federal do Amazonas

Resumo:

Este trabalho é resultado da pesquisa cujo objetivo geral foi analisar as práticas de benzimento como fenômeno folkcomunicação, bem como os procedimentos folkcomunicaçãois que as benzedeadas se utilizam enquanto comunicadoras da cultura popular, e como tais práticas estão inseridas no campo religioso. Para tanto foi realizada uma pesquisa etnográfica, que compreendeu as seguintes etapas: Observação dos ambientes de folk das benzedeadas, o estudo e reconhecimento de elementos folkcomunicaçãois, a conversa informal e entrevistas diretas com dez benzedeadas a partir de 20 anos de prática.

Palavras-chave: folkcomunicação; benzedeadas; benzimento; comunicadores de folk; cultura popular.

Abstract

This work is the result of research whose main objective was to analyze the practices benzimento folkcomunicação phenomenon as well as the procedures folkcomunicaçãois that healers are used as communicators of popular culture, and how such practices are embedded in the religious field. For this was ethnographic study, which involved the following steps: Note environments folk healers of the study and recognition elements folkcomunicaçãois, informal conversation and direct interviews with ten healers from 20 years of practice.

Keywords: folk communication; healers; benzimento; communicators folk, popular culture.

1 Acadêmico do curso de Comunicação Social/Jornalismo na Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Pesquisador/Bolsista pela Fundação de Amparo à Pesquisa no Amazonas (FAPEAM). E-mail: hudsonbeltrao_jr@hotmail.com

2 Professora Assistente na Universidade Federal do Amazonas (UFAM) no curso de Comunicação Social /Jornalismo, no Instituto de Ciências Sociais, Educação e Zootecnia (ICSEZ) em Parintins/AM. É Mestre em Ciências da Comunicação com área de concentração: Ecossistemas Comunicacionais pelo Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação (PPGCCOM) da UFAM. Tem experiência na área de Assessoria de Comunicação em Instituição Pública, atuando principalmente nos seguintes temas: comunicação, comunicação organizacional, jornalismo, folkcomunicação. E-mail: sorissn@gmail.com

Introdução

As práticas populares de cura acompanham a humanidade desde a antiguidade, quando através da benzeção, se pediam a proteção dos deuses e entidades. A mesma súplica acompanhou todas as culturas sob as mais variadas formas. Em Parintins, a 420km de Manaus, Amazonas, a herança cultural das práticas de benzimento mantém-se viva, e conta com aproximadamente 150 benzedores atuando no município (GEDUES, 2008), que embora escondidos pelos arredores da cidade, continuam desenvolvendo seus trabalhos.

A medicina popular praticada pelas benzedoras ainda possui credibilidade junto a população parintinense, apesar de todo avanço da medicina. As benzeções servem como alternativa de cura para muitas pessoas, principalmente nas classes de baixa renda, onde elas substituem a falta de médicos. Os clientes acreditam na eficácia e benefício de tais práticas, e é por esse motivo que as

benzedoras ainda encontram legitimidade no entorno social.

Geralmente, a benzedora, é uma mulher³ simples de poucos recursos financeiros, dona de casa, que conhece várias rezas, ervas, massagens, banhos, garrafadas, chás e simpatias, e que possui muita confiança em seu poder de transmitir bem-aventurança aos outros. Conforme Oliveira (1985, p. 25), “ela é uma cientista popular que possui uma maneira muito peculiar de curar: combina o místico da religião e os truques da magia aos conhecimentos da medicina popular”.

Essas especialistas da cura fazem de seus benzimentos uma estratégia social e política em que várias pessoas se utilizam no dia-a-dia. E com os seus conhecimentos, fazem o reforço de crenças populares,

3

Em Parintins, as mulheres constituem um número maior na atuação das práticas de benzimento, apesar de também existirem homens. Tudo isso, possivelmente, é reflexo de um contexto histórico das divisões dos papéis sociais e da divisão de tarefas entre gêneros, onde a mulher era vista apenas como dona de casa, que cuidavam da harmonia e bem-estar da família. Outro fator que justifica isso, é que a mulher foi colocada em desvantagens nas religiões dominantes, ficando apenas em posições secundárias em relação ao homem. Logo é no campo da religiosidade popular que elas tem se destacado, principalmente quando se refere as práticas mágicas de cura. E dessa forma, com todos os seus conhecimentos, elas vão se tornando conhecidas no entorno social, e embora existam benzedores, seu relacionamento com a comunidade se dá de forma diferenciada. (TRINDADE, 2011).

constituindo uma rede de comunicação artesanal entre elas e as pessoas que creem nos benefícios de seus trabalhos. Dessa forma, podendo ser inserida nos estudos de folkcomunicação, definida como “o conjunto de procedimentos de intercâmbio de informações, ideias, opiniões e atitudes dos públicos marginalizados urbanos e rurais, através de agentes e meios direta ou indiretamente ligados ao folclore” (BELTRÃO, 1980, p.24).

A comunicação dos marginalizados é um processo onde estão inseridos os emissores e receptores, individuais ou coletivos, voltados a transmitir suas mensagens em linguagem própria a sua audiência. E pode ser considerada como a comunicação do povo, que valoriza as mais variadas formas de manifestações no âmbito comunicacional.

Baseando-se nisso, é notável que o mundo simbólico das benzedeadas constitui um sistema próprio de comunicação. E nesse sentido, identificando a presença de grupos fiéis aos valores das práticas de benzimento, lideradas por uma pessoa ungida de dom (benzedeira), que possui um ambiente com vários elementos signícos, representativos, e possui códigos linguísticos e diversos meios de expressão (benzeduras, estórias, ex-voto⁴),

tornou-se indispensável o estudo dessas práticas no município de Parintins, enfocando aos saberes e a memória dessas comunicadoras da cultura popular.

Metodologia

O estudo se constitui numa pesquisa etnográfica, que analisou as práticas de benzimento como sistema folkcomunicacional. Para tanto, foi utilizado os pressupostos teóricos de Malinowski (1978) e Magnani (2002). Por meio da etnografia, foi possível ter acesso direto ao objeto de estudo, pontuando assim, contatos significativos, que foram extremamente importantes para termos uma visão coerente da realidade dessas pessoas que se utilizam das práticas.

O estudo também se norteou por outros autores que discutem o fenômeno na Amazônia como Waglei (1977), Eduardo Galvão (1955), e de autores clássicos da sociologia como Mauss (2005) e Bourdieu (2011), que subsidiaram a interpretação do fenômeno durante a abordagem de campo, nos permitindo compreender os mais variados comportamentos, o valor atribuído à eficácia simbólica e o contexto folkcomunicacional no qual essa manifestação de cultura popular está inserida.

4

Ex-voto: Do latim *votum*, coisa prometida. “O que se promete deve ser pago”, diz o ditado. Ex-voto é o que se

promete ao santo de devoção para se receber a graça, ou o que se oferece por tê-la alcançado. (Câmara Cascudo, 2001, p.220).

A pesquisa compreendeu as seguintes etapas: Observação detalhada dos ambientes de folk das benzedadeiras. O estudo e reconhecimento de elementos folkcomunicacionais, como: repertório de símbolos, signos, regras sociais do local. Realização de conversas informais e entrevistas diretas com dez benzedadeiras a partir de 20 anos de prática. Nessas entrevistas foram identificadas as motivações religiosas dessas mulheres, articulações, pontos de vista, habilidades, fontes inspiradoras, seu potencial persuasivo, e a audiência dessas comunicadoras de folk.

As Benzedadeiras como Comunicadoras de Folk

Para Beltrão, a folkcomunicação, comunicação em nível popular, caracteriza-se por procedimentos de comunicação (rituais, festas, manifestações, práticas, etc.) resultante de práticas e processos comunicacionais no âmbito das manifestações de cultura popular, e, sobretudo, é um resultado de uma atividade artesanal de um agente comunicador, que se configura como agente espontâneo no seio da comunidade. Baseando-se nessa perspectiva, pode-se identificar a figura das benzedadeiras como comunicadoras de folk:

O comunicador *folk* tem a personalidade dos líderes de

opinião identificada nos seus colegas do sistema de comunicação social (...) os líderes agentecomunicadores de *folk*, aparentemente, nem sempre são ‘autoridades’ reconhecidas, mas possuem uma espécie de carisma, atraindo (...) admiradores e seguidores. (BELTRÃO, 1980, p. 35).

Nesse sentido, diferentemente do sistema de comunicação social no qual é sempre frequente a presença de líderes de opinião, autoridades políticas, científicas ou econômicas, no campo da folkcomunicação, os agentes comunicadores de folk nem sempre são reconhecidos por toda a sociedade, mas passam a ter uma postura de liderança na localidade em que atuam.

Desse modo, foi identificado, que apesar dos poucos recursos financeiros, as benzedadeiras sempre são procuradas na comunidade, e atuam como fonte de esperança, acalmando o sofrer e o anseio de seus seguidores. “Me procuram muitas gente. Não tenho na cabeça a quantia de quantas pessoas eu já benzi. As pessoas gostam muito de mim e nunca peguei ralho de ninguém, sempre fiz bem meu trabalho”, diz benzedeira, 63 anos.

Elas indicam com fé, remédios de ervas, amuletos protetores, e outras formas de uso das plantas para o efeito da cura. Cuidam da desmentidura, do mau-olhado, do quebranto, fazem defumações que tiram o

azar e afugentam os espíritos ruins. Para cada mal existe uma oração e um remédio das ervas da terra. Conforme as benzedeadas, em alguns casos, elas pedem indicação do remédio durante a oração.

Pedro e Jesus andando pelo caminho, e enxergou um fogo e perguntou: – Divino mestre que fogo é este? – É fogo de uma doença brava que está no corpo desta mulher. – E com que é curada esta doença brava que está no corpo desta mulher? – Com três palavras de Deus e três da virgem Maria, com vosso divino poder e com vossa divina graça de nosso senhor Jesus Cristo, amém. Senhor eu confio em vós nosso salvador, salve o corpo dessa mulher, amostrando e contando os remédios que poderá ser curado, as ervas da terra com qual for abençoado, senhor me indique. Ou com qual vai ser curado. (Benzedeadas, 68 anos).

A maioria delas começou a benzer ainda criança. “Eu comecei a benzer com 12 anos, meus pais trabalhavam nisso, e assim fui aprendendo com eles né”, destaca benzedeadas, 70 anos. Outras não lembram exatamente, mas ressaltam que foi no período de infância e por meio de um sonho. É como conta a benzedeadas, 68 anos:

Eu aprendi por um sonho. Foi assim: Uma velhinha me levou numa mesa branca no fundo do mar (...). Muitas coisas eu vi, e a mesa era muito linda. Quando a gente tava lá a velhinha disse assim: - Aqui é que vai ser o teu lugar, do teu trabalho. (...) Quando eu cheguei perto da mesa, ela pediu pra mim virar de

frente dos santos. Quando eu virei, ela soprou no meio das minhas costas, e eu cantei um cântico assim: “Eu estava na minha banca, fazendo minhas orações, fazendo minhas orações senhor, com a virgem da Conceição. Deus vos salve a santa banca, Deus nosso senhor Jesus cristo. Deus vos salve as três pessoas da santíssima trindade”. Era essa que cantei quando sentei na banca dela.

Como características dos comunicadores de folk as benzedeadas são mulheres sábias, conselheiras, humildes e carismáticas, que carregam consigo um conhecimento de várias gerações, e que sempre é usado a serviço do outro para o bem comum. É inegável a influencia delas perante sua clientela. “A ascensão à liderança está intimamente ligada à credibilidade que o agente-comunicador adquire no seu ambiente e à sua habilidade de codificar a mensagem ao nível de entendimento de sua audiência”. (BELTRÃO, 1980, p. 36).

Popularizadas por meio das benzedeadas, as benzedeadas, defendem com fidelidade suas crenças e consideram-se privilegiadas, pois acreditam que todo o conhecimento que têm, vem, acima de tudo, de um dom de Deus. “Desde meus 20 anos tenho esse dom, graças a Deus já pude ajudar muitas famílias” (Benzedeadas, 68 anos).

Beltrão (1980) destaca que o líder comunicador de folk é um tradutor dos

grupos marginalizados, pois sabem encontrar as palavras e argumentos acessíveis, e que sensibilizam os seus seguidores. Um exemplo disso é ressignificação da mensagem religiosa feita pelas benzedeiros, pois elas transformam o complexo, mensagem operada pelos especialistas oficializados das igrejas (Padres, Bispos, Pastores, etc.), em algo compreensível a sua audiência.

Nesse sentido, as benzedeiros quando falam sempre são apreciadas com atenção, e apesar da simplicidade das ideias, possuem um forte poder de convencimento. “Sempre as pessoas vem pedir conselho de mim, e eu ajudo né”, diz benzedeira, 63 anos. E dessa forma, essas especialistas da cura, com a legitimidade do trabalho que realizam, possuem influencia na vida de sua audiência, tudo isso em função da atividade concreta que exercem, o ofício da benzeção.

No entanto, a consolidação da legitimidade e credibilidade da benzedeira não se dá de uma hora para outra, pois tudo depende de um longo processo, que muitas das vezes demanda anos. “Aí meu pai começou a mandar eu benzer os outros, que ele era curador puro né, e todos que iam lá com ele eu benzia, e dava certo. Os anos foram passando, e foi quando eu me dei conta que eu já tava conhecida de fazer isso”, destaca a benzedeira, 70 anos.

No aspecto religioso, foi identificado que a maior parte dessas comunicadoras é católica, embora, nem sempre frequentem igrejas, guardam consigo as representações que a religião propicia. Muitas alegam suas dificuldades de aproximação com as pessoas que fazem parte da igreja, devido alguns problemas que tiveram relacionados à sua prática e a utilização dos santos.

Os símbolos do catolicismo são muito presente na vida das benzedeiros (os santos, orações, cânticos, bíblia, terço). No entanto, isso não quer dizer que as práticas das benzedeiros sejam vinculadas somente ao catolicismo popular. Mas pelo contrário, pois existem relações e também outros simbolismo como, por exemplo, o da Umbanda.

Em Parintins, desde 2005, as benzedeiros passaram a ter uma postura mais politizada, por meio do grupo Articulação Parintins Cidadã. Com a realização de fóruns, seminários, em torno da valorização dessa prática, as benzedeiros passaram a ter voz, ainda que timidamente, fora dos seus grupos, buscando o reconhecimento de seus trabalhos na construção de saúde pública de Parintins. Baseando-se nisso, pode-se perceber a mobilidade das benzedeiros enquanto comunicadoras de folk, pois elas passam a entrar em contato com diferentes grupos, com os quais intercambia seus

conhecimentos, mostrando a importância de seu trabalho.

Vale destacar que Beltrão (1980) descreve o comunicador de folk como uma autoridade que possui privilégios na comunidade, entretanto, tendo em vista o campo religioso, conforme Bourdieu (2011), que mostra as relações de poder entre igreja e as instâncias religiosas, percebe-se que tal autoridade está sujeita a flutuações e que precisa ser sempre reafirmada. No caso das benzedoras, essa autoridade é reafirmada pela própria benção, pois é a eficácia da prática que dá a credibilidade para essas mulheres. “Eu benzo a pessoa, aí ela fica boa e ela vai falando para os outros, e minha fama vai aumentando”. (Benzedeira, 70 anos).

As benções se relacionam intimamente com a história dessas benzedoras, e por esse motivo, elas fazem questão de contar os demais acontecimentos de suas vidas, que foram muito importantes para seu amadurecimento enquanto benzedora. A cada história, uma benção bem sucedida.

Eu tava em Manaus, aí tinha um senhor, filho de uma colega minha, com hemorroida no hospital. Aí quando a mãe dele soube que tava em Manaus e ela me procurou chorando, e disse: – Ah mana quero que tu ajude meu filho que está com mais de quinze dias no hospital, não tão

nem mais dando remédio pra ele. Tá só já esperando a hora. Eu disse: - Mas como? Ele tá na mão do médico, eu não posso fazer nada! Aí ela disse que era pra mim ir lá com ele. E eu fui lá né, e ele chorando pediu ajuda. E eu falei pra mãe dele: - Se tu quer que eu te ajude, leva ele pra tua casa que eu cuido dele, que aqui no hospital eu não posso fazer nada. Então ela levou e eu cuidei dele, eu fiz meus remédios com muita fé, e em poucos dias ele ficou bem. Hoje ele tá bem trabalhando. (Benzedeira, 70 anos).

Conforme as entrevistas pôde-se perceber que o preconceito de uma parte da sociedade ainda é uma realidade que perturba o cotidiano dessas mulheres. Em alguns casos, elas são taxadas de bruxas, mentirosas, macumbeiras, acusações presentes desde a antiguidade e que lembram a etapa de transição da Idade Média para Idade Moderna, onde muitas mulheres foram torturadas, punidas e lançadas vivas nas fogueiras até sua morte.

“Jesus quando andou no mundo foi chamado de feiticeiro, porque ninguém o conhecia (...). Nós vamos passando por tudo isso”, diz a benzedora/pagadora de promessa, 68 anos. De fato, “presos a uma única cultura, somos não apenas cegos a dos outros, mas míopes quando se trata da nossa”. (LAPLANTINE, François, 2000).

Apesar do desconforto apresentado por algumas pessoas, essas comunicadoras ainda conseguem estabelecer laços fortes com os seus seguidores, ganhando respeito e confiança, colocando-se sempre a disposição. “Não posso me negar ao próximo, pois Jesus disse: Amarás o teu próximo como a ti mesmo”, (benzedeira, 73 anos). É como cita Trindade (2011) “a cura é a obra de Deus e elas são seu instrumento”.

Audiência de Folk das Benzedeiras

Em Parintins, as benzedeiras sempre são procuradas para resolver os mais variados problemas de sua clientela. E a cada benzeção, vão atraindo pessoas, e firmando uma audiência, que pode ser classificada na folkcomunicação como um grupo marginalizado. O termo “marginalizado” nesse caso, não se refere a pessoa perigosa, que vive no mundo do crime, mas sim a um indivíduo que está entre duas culturas e duas sociedades que nunca se fundiram totalmente. Beltrão (1980) identifica e classifica os grupos marginalizados, como excluídos da sociedade, e não só do sistema político, mas também do sistema de comunicação social.

Nos grupos marginalizados, é criado um sistema de comunicação, no qual são veiculadas mensagens acessíveis a todos os

seus participantes. “Não se deve esquecer que enquanto os discursos da comunicação social são dirigidos ao mundo, os da folkcomunicação se destinam a um mundo” (BELTRÃO, 1980, p. 40). Nesses grupos, são criados meios próprios de expressão, um vocabulário, códigos diversos⁵. No caso das benzedeiras podemos perceber com bastante frequência a presença de algumas palavras como: Quebranto, mau-olhado, cuíra, moléstia, secuiara, arriamento, pira, desmentidura, etc.

5

(...) na folkcomunicação cada ambiente gera seu próprio vocabulário e sua própria sintaxe, e cada agente-comunicador emprega o canal que tem à mão e melhor sabe operar o modo a que seu público veja refletidos na mensagem seu modo de vida, suas necessidades e aspirações, e enquadramento de qualquer parcela de comunidade em um desses grupos depende, antes do mais, de uma pesquisa das linguagens específicas utilizadas pelos indivíduos que a compõem e dos meios de expressão por eles utilizados. (BELTRÃO, 1980, p. 40)

Palavras	Significados
Cuíra	Pessoa inquieta e impaciente. Normalmente o termo é usado para crianças.
Cubrelo	É uma espécie de herpes, coceira.
Desmentidura	Luxação ou deslocação de um osso. “Não é qualquer pessoa que puxa bem desmentidura. Eu gosto mais de puxar crianças”. (Benzedeira, 73 anos)
Moléstia	É um tipo de doença. Um mal-estar que causa um esgotamento físico, cansaço.
Mau-olhado	É um mal causado pela inveja, e transmitido pelo olhar.
Quebranto	Quebranto é uma forma de mal-estar atribuído a fatores de ordens não naturais. É uma energia negativa transmitida à criança. Suas causas segundo o povo são o louvor, dirigido, por exemplo, a uma criança, e mormente o mau-olhado de gente invejosa.
Secuiara	Abatimento físico do homem nos primeiros meses de gravidez da mulher.
Arriamento	Menstruação
Pira	Micose, irritação de pele.
Puxar	Massagear

Inseridas de um modo particular nas sociedades por meio da benzeção, as benzedeadas adotam uma forma particular de viver sua religiosidade. Utilizam elementos da religião por familiarização, e fundem com os da magia, criando outra coisa e atribuindo um novo sentido, e que seu público (Pessoas simples, tanto da cidade, quanto do interior) passa a aderir e a crer. “Se eles me procuram é porque eles acreditam no meu trabalho”, diz benzedeadas, 68 anos.

Nesse sentido, podemos identificar esse público como um grupo culturalmente marginalizado, que segundo Beltrão (1980), é composto por pessoas da zona rural e urbana, com reduzido poder aquisitivo, e que adotam uma filosofia ou política contrária a ordem social vigente. Torna-se importante destacar que essa posição contrária aos valores, nesse caso, da igreja e da medicina erudita não é política, pois não há intenção de contestação por parte dessas pessoas.

E que embora exista essa relação de força, com médicos, padres e pastores, a benzedeira, ainda que com um discurso heterogêneo, não fica desmerecida, pois continua sendo ouvida e compreendida pelos oprimidos. Com base nisso, considerando a postura da benzedeira, enquanto comunicadora de folk, pode-se delimitar dentro dos grupos culturalmente marginalizados, a audiência dessas mulheres como um grupo messiânico:

[O grupo messiânico é composto] de seguidores de um líder carismático, cujas ideias religiosas representam contrafações, adulterações, exacerbações ou interpretações personalíssimas de dogmas e tradições consagradas pelas crenças ou denominações religiosas estabelecidas e vigentes no universo da comunicação social. (BELTRÃO, 1980, p. 103).

Conforme Beltrão, o que caracteriza especialmente o messiânico é o sentido de força viva e atuante. Esses grupos são liderados por pessoas que se consideram ungidas, que utilizam orações poderosas, fazem bênçãos, defumatórios, etc. Os eventos coletivos realizados pelos messiânicos

possuem fundo religioso. Vários desses elementos são notáveis no dia-a-dia das benzedeiros.

O Ambiente de Folk das Benzedeiros

Os ambientes estudados possuem toda uma particularidade. Geralmente, um local humilde, de madeira, escondido, e cheio de plantas pelos arredores. Algumas casas são de alvenaria, porém muito simples. “Eu gosto muito daqui, desde quando vim morar pra cá, nunca mais quis sair”, (Benzedeira, 63 anos). É nessa simplicidade que as benzedeiros se identificam, pois nesses ambientes estão parte de sua história, suas motivações religiosas, suas inspirações para o dia-a-dia.

Em alguns casos, ao lado de sua casa, as benzedeiros possuem um barracão (ambiente feito de madeira e coberto de palha), que funciona como um local de trabalho para benzeção, e como um santuário, onde é montado um altar em homenagem a um santo do catolicismo. Nesses ambientes possuem objetos indispensáveis na vida dessas benzedeiros. Para elas, cada um possui um significado:

Objetos	Significados
Terço	Significa a presença de Deus, é ele que sustenta a fé da benzedeira. “Sempre quando eu vou benzer meu terço tá comigo, ele não pode ficar. Eu acredito muito em Deus, e vivo pra fazer a vontade dele”. (Benzedeira, 82 anos).
Velas	Atuam como promessas, para aquelas benzedeiros que possuem altar em casa. Também é utilizada para dar força e imunidade para a benzedeira e o benzido, para que os espíritos ruins não se apropriem deles. “As vezes vem pessoas muito carregadas né, aí a gente tem que acender a vela pra não deixar o inimigo chegar perto né. A única coisa que cobro na benzeção é a vela”. (Benzedeira, 73 anos).
Fitas	As fitas significam a promessa ao santo. Cada fita é um pedido diferente. “As pessoas trazem muitas fitas, elas tem fé também né, aí elas deixam nos pés de São Lázaro, e ficam em oração”. (Benzedeira, 68 anos).
Imagens de Santos	Os santos são os protetores das benzedeiros. Na pesquisa foram encontradas benzedeiros devotas de São Jorge, São Lázaro, Nossa Senhora da Batalha, Nossa Senhora do Carmo. Cada santo possui uma função específica, o que justifica porque a benzedeira o escolheu. “Eu escolhi nossa Senhora da Batalha, porque ela é a santa das causas impossíveis. Ela venceu as guerras, e eu com ela conseguimos vencer as coisas difíceis”. (Benzedeira, 82 anos).

Tendo em vista esse repertório de símbolos que compõem o mundo das benzedeiros, foi

possível identificar a presença de *ex-votos* (promessas), meios de folk manifestados das mais variadas formas, por imagens de santos (quadros, esculturas, folhetos, toalhas, pinturas), velas, fitas, etc. O ex-voto é mais um meio em que essas mulheres expressam

sua fé, e que segundo Câmara Cascudo (1965, p. 12) é:

(...) uma voz informadora da cultura coletiva, no tempo e no espaço, tão legítima e preciosa como uma parafernália arqueológica. Vale muito mais do que uma coleção de crânios, com suas respectivas e graves medições classificadoras. É um dos mais impressionantes e autênticos documentos da mentalidade popular, do Neolítico aos nossos dias. E sempre contemporâneos, verdadeiros e fiéis.

A “graça” de benzer toma o cotidiano dessas mulheres, fazendo de suas casas quase públicas. Segundo elas, todos os dias recebem pessoas para atendimento. “Todo santo dia aparece gente aqui”, (benzedeira, 63 anos). Várias são as situações, “Crianças e adultos vão para o hospital e os médicos não dão jeito. Eu faço meus remédios, eles entram em fé e esperança, e com poucos dias estão bem”, salienta a benzedeira, 68 anos.

Em alguns casos, uma vez por ano, o ambiente das benzedeiras possui uma movimentação maior. São as festas e rituais que elas realizam para agradecerem à Deus o dom da unção da cura e também ao santo⁶ protetor pela inspiração e pela realização das promessas. “Eu prometi a São Lázaro que todos os anos eu faria uma festa em sua homenagem. Ele salvou minha filha, agora

6

Os santos podem ser considerados como divindades que protegem o indivíduo e a comunidade contra os males e infortúnios. A relação entre o indivíduo e o santo baseia-se num contrato mútuo, a promessa. Cumprindo aquele sua parte do contrato, o santo fará o mesmo. (GALVÃO, 1976, p. 31).

tenho que cumprir com o que eu prometi”, diz benzedeira/pagadora de promessas, 68 anos.

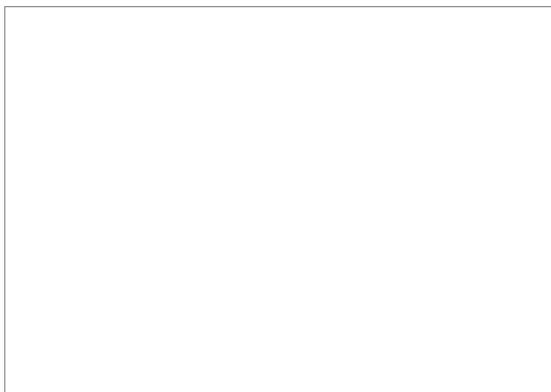
Tais festas, na maioria das vezes, não coincidem com o calendário oficial da igreja católica. “Antes eu fazia a festa no dia do aniversário da minha filha, dia 25 de maio, pois São Lázaro salvou ela naquele dia. Mas o pessoal começou a falar que eu tava me aproveitando da festa, então eu resolvi mudar a data, né. Agora a festa é todo ultimo final de semana de maio”, destaca a benzedeira.

As festas mobilizam toda a comunidade local. “Várias pessoas vem aqui me ajudar, graças a Deus. E eu nunca precisei pedir ajuda de ninguém”, afirma benzedeira, 66 anos. Nesse período, o barracão delas é ornamentado, com bandeirolas coloridas, flores, balões, etc. O altar do Santo, rodeado de fitas, também recebe seus enfeites. Enquanto os devotos doam alimentos como forma de contribuição e fé.

E dependendo da promessa, existem as preparações específicas do rito. Como é o caso da promessa à São Lázaro da benzedeira de 66 anos. Ela prometeu que se o santo curasse sua filha de uma doença grave, faria uma reza e uma festa em sua homenagem. E nessa promessa detalhou cada momento de como seria realizada. “Se ele fizesse boa minha filha, ia mandar rezar, dar almoço pros

cachorros, pras sete Marias⁷, pros mordomos⁸ e pro povo que tivesse presente”, revelou a benzedeira. Conforme a pagadora de promessas no mesmo dia que fez a promessa teve um sonho:

São Lázaro me apareceu durante um sonho, e disse que era pra eu fazer minha promessa completa. E disse assim né: - Faça também uma toalha branca para servir os cachorros, e nessa toalha tem que ter a imagem de sete cachorros e sete Marias. E ele ainda disse que no final da refeição dos cachorros a minha filha ia ter que lavar a boca deles. E todos os anos eu faço isso na minha festa, e não me arrependo de nada do que prometi. (Benzedeira, 66 anos).



As rezas e festas possuem um forte significado para as benzedieras e os devotos, pois são meios que estabelecem uma ligação com Deus. E atuam como forma de bem-estar, pois a benzedeira sente que cumpriu o seu dever enquanto devota. “Eu faço a minha

7

São crianças escolhidas para fazer parte do almoço junto à São Lázaro. Depois do almoço dos cachorros, elas são chamadas pelos mordomos para fazerem parte de uma mesa.

8

Ajudam na organização da festa. São eles que escolhem os cachorros que irão fazer parte da cerimônia. Também são responsáveis pela derruba do mastro. Todos eles participam da reza, festa e almoço. Conforme a benzedeira a festa possui cerca de 60 mordomos por ano, todos devotos de São Lázaro.

festa com muita fé, porque eu estou homenageando um santo em louvor a Deus. Eu me orgulho disso”, enfatizou a benzedeira, 66 anos.

Considerações Finais

Com o estudo foi possível explorar o dinamismo que constitui a marca registrada das benzedieras no sistema de folkcomunicação, pois o mundo delas é marcado por ambientes específicos, orações, fórmulas, signos, objetos, ex-votos e gestos sagrados, que segundo Beltrão (1980) constituem um sistema próprio de comunicação. E dentro dessa perspectiva, identificou-se essas mulheres como comunicadoras de folk, a audiência como um grupo messiânico, e suas casas como ambiente de folk.

Outros meios de folk identificados, foram as festas e rezas realizadas por essas mulheres, que subsidiam o encontro de um povo que tem fé e que busca cumprir uma promessa feita. Beltrão (1980) que diz que essas festas populares feitas por grupos marginalizados (usuários do sistema de folk) são grandes oportunidades de comunicação e atualização da memória social.

Por outro lado, foi identificado no campo religioso, segundo Bourdieu (2011), o benzimento como prática mágica, pois visa objetivos concretos específicos, parciais e

imediatos, e encontram-se dentro do contexto do ritual⁹, no qual palavras e gestos vão interferir no processo natural das coisas. E tendo em vista as divisões do sistema religioso, tais práticas vão sendo expostas a serem consideradas inferiores. E mesmo sem qualquer intenção de profanação, constitui uma contestação objetiva as religiões dominantes.

Nesse caso, impondo à igreja a ‘ritualização’ da prática religiosa e a canonização das crenças populares. E diferentemente de outras instâncias religiosas (como, por exemplo, o profeta e sua seita), que faz críticas intelectualistas as religiões, as benzedeadas, simplesmente, tomam posse do discurso religioso como técnica de cura.

Contudo, as benzedeadas e suas práticas possuem uma importante contribuição na cidade de Parintins, tanto no campo da saúde, quanto no reforço de crenças populares. E com uma sabedoria indiscutível, essas comunicadoras da cultura popular continuam realizando seus trabalhos, levando a frente esse conhecimento que atravessa gerações e que sobrevive como forma de resistência em uma sociedade capitalista.

9

“O ritual é uma linguagem convencional pela qual se exprime de maneira imperfeita, o jogo de imagens, e dos sentimentos, íntimos, ele se torna, para nós, a própria realidade”. (MAUSS, 2005, p. 251).

Referências

BELTRÃO, Luís. **Folkcomunicação: a comunicação dos marginalizados** / Luís Beltrão. _ São Paulo: Cortez, 1980.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas** / Pierre Bourdieu; introdução, organização e seleção Sergio Miceli. – 7. Ed. – São Paulo: Perspectiva, 2011.

CASCUDO, Luís. da Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro**. 11 ed. São Paulo: Global, 2001.

GALVÃO, Eduardo. **Santos e visagens: um estudo da vida religiosa de Itá, Amazonas**. 2. Ed. São Paulo: Ed. Nacional; Brasília: INL, 1976.

GUEDES, Maria de Fátima Araújo. **Conhecimento, uma estrada de mão dupla: a relação entre saberes oficial e popular na construção da saúde de Parintins** / Maria de Fátima Araújo Gudes, - 2008.

LAPLANTINE, François. **Aprender antropologia** / François Laplantine; Tradução Marie - Agnes Chauvel; prefácio Maria Isaura Pereira Queiroz. – São Paulo: Brasiliense, 2000.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana**. 2002.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do Pacífico ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné Menanésia**. Tradução Anton P. Carr e Lígia Aparecida Cardieri Mendonça. 2 ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

MAUSS, Marcel, **Ensaio de Sociologia** / Marcel Mauss; tradução [Luiz João Gaio e J. guinsburg]. – São Paulo: Perspectiva, 2005.

MELO, José Marques de. **Mídia e Cultura Popular: História, taxionomia e**

metodologia da folkcomunicação / José Marques de Melo. – São Paulo, 2008.

OLIVEIRA, Elda Rizzo. **O que é benzeção** / Elda Rizzo Oliveira. São Paulo: Brasiliense; 1985.

SCHMIDT, Cristina. **Folkcomunicação: estado do conhecimento sobre a disciplina.**

Revista editada pela Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação – Intercom. Ano 1, edição bimestral, nov e dez 2008.

TRINDADE, Deilson do Carmo. **Ainda se benze em Parintins: rezas e simpatias nas práticas das mulheres benzedoras** / Deilson do Carmo Trindade. – 2011.